

Entrevista

Necessidade dos Cursos de Especialização em Otorrinolaringologia

O Dr. Oswaldo Laércio Mendonça Cruz, Professor Afiliado do Departamento de Otorrinolaringologia da Escola Paulista de Medicina e Professor Livre-Docente em Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – esclarece sobre a necessidade dos cursos de especialização em Otorrinolaringologia.

A medicina, como uma área da ciência, estará sempre em estado de mutação evolutiva. A curiosidade atávica da nossa espécie, aliada aos ainda limitados conhecimentos específicos da medicina, faz com que as mudanças ocorram de maneira constante. Neste século, quando os pesquisadores chegam ao mecanismo molecular das doenças, a velocidade dessas transformações deverá ser ainda mais rápida.

A otorrinolaringologia, como uma área de conhecimento especializado da medicina, não ficou nem ficará afastada desse processo. Na verdade, nossa especialidade tem apresentado uma transformação talvez mais acelerada do que a maioria das outras especialidades médicas, alargando seus horizontes e incorporando novas tecnologias no sentido de aprimorar a atividade médica e ampliar o espectro da pesquisa em otorrinolaringologia.

Qual seria então a melhor maneira para o médico especialista se manter atualizado e, eventualmente, participar da incorporação de novos conhecimentos na sua área de atuação? O caminho inicial já está estabelecido: fazer uma boa residência na especialidade. Mas e depois?



Dr. Oswaldo Laércio Mendonça Cruz

Uma boa alternativa, até recentemente, seria inscrever-se em um programa de pós-graduação. As atividades obrigatórias da maioria desses programas incluem as assistenciais e as cirúrgicas, e o contato com profissionais mais experientes do meio acadêmico ajudava no aprimoramento das habilidades profissionais.

Essa prática, entretanto, embora ainda seja exercida, não é a mais adequada. Os programas de pós-graduação universitários deverão, exclusivamente, direcionar-se para o formato *sensu strictu*, ou seja, para a formação de docentes (mestrado) e pesquisadores (doutorado) – portanto, sem o compromisso de formação de um médico especialista. A CAPES, entidade acreditadora dos programas de pós-gradu-

ação, tem insistido bastante nesse direcionamento; provavelmente, num futuro próximo tal adequação deverá ser observada de modo mais evidente. No entanto, com a solicitação das universidades de que seu corpo de profissionais tenha pós-graduação, e mesmo com a exigência de alguns hospitais e convênios desta titulação como modo de selecionar seu corpo médico, talvez esses vícios se mantenham por algum tempo.

Entretanto, seria obrigatório que fizéssemos a distinção entre um bom médico e um bom professor em otorrinolaringologia. A formação de um excelente profissional médico não tem que ser, necessariamente, a mesma de um excelente professor. Podemos nos tornar médicos renomados sem ser professores universitários ou mesmo sem estar ligados a uma universidade. Existem milhares de exemplos como esse, e a melhor estratégia para que a distinção se faça com clareza e eficiência seria a criação de programas de especialização do tipo educação continuada com status de pós-graduação *sensu lato*.

Algumas instituições já desenvolvem ações nesse sentido, e podemos encontrar programas de aprimoramento profissional em um bom número de especialidades. Nossa impressão é que estamos numa fase embrionária para que se reconheça a importância desses cursos. A sua melhor organização e a sua melhor qualidade permitirão, no futuro, que eles tenham a mesma importância que os programas de pós-graduação *sensu strictu* e sejam reconhecidos como tal. Assim, um hospital ou uma empresa prestadora de serviços médicos não mais solicitará mestrado ou doutorado como pré-requisitos de boa formação, mas sim, e de uma maneira talvez mais adequada, avaliará a qualidade profissional do candidato baseando-se na excelência de sua residência e dos cursos de especialização desenvolvidos.

Independentemente dessa nova forma de avaliar

competência profissional, os cursos de especialização profissional já se constituem em instrumentos fundamentais para a capacitação profissional e a atualização. Nesses cursos, concebidos para a transferência de experiência profissional, o aluno tem a oportunidade de receber informações teóricas via recursos didáticos tradicionais (áudio e vídeo), conversas informais e/ou discussão de casos. Além disso, os cursos práticos oferecem a possibilidade de exercícios que habilitam o aluno para manuseio de instrumental propedêutico (p. ex., endoscopia), propedêutica invasiva (p. ex., realização de biópsias) e técnicas cirúrgicas (em cadáveres ou animais). Através desse desenho, os cursos de especialização profissional são muitos mais objetivos e eficientes na formação, capacitação e atualização de médicos que, fundamentalmente, exerçam a função de médico, personagem principal dentre os profissionais da saúde, com o compromisso de oferecer um trabalho de excelente qualidade aos seus pacientes.

Ressalte-se que os cursos de especialização devem ser desenhados para não só transferir conhecimentos teóricos como também ensinar o profissional a pensar e estudar, permitindo o seu engrandecimento técnico mesmo quando afastado dos grandes centros. O conhecimento técnico teórico está muito mais disponível atualmente graças aos recursos da internet, e a correta seleção e interpretação das informações disponíveis na literatura médica devem ser ensinadas e estimuladas por esses cursos, uma vez que isso permite a manutenção da qualidade e a prática da medicina baseada em evidências.

Em resumo, os cursos de formação e atualização profissional especializados são armas fundamentais para o aprimoramento do exercício da medicina nos dias atuais e merecem o devido reconhecimento e um status equiparável ao dos cursos de pós-graduação *sensu strictu*.